

Planos para governo incluem comunistas

Certo de que, se eleito, não poderá governar com o PRN — um partido sem estrutura nem quadros — Fernando Collor de Mello conduzirá os entendimentos das alianças para o segundo turno com os olhos voltados para a formação de sua equipe de governo. “Collor está preocupado com as condições de governabilidade”, diz o assessor de imprensa, Cláudio Humberto. Segundo Cláudio, se for confirmado o resultado do primeiro turno, Collor começará a conversar com todos os setores logo após a eleição. “Ele vai chamar todo mundo, o PCB e todos os que estiverem interessados em participar de um governo de união nacional. Evidentemente, terão de aceitar a nossa proposta social-democrata”.

O candidato está convencido de que essas alianças não renderão necessariamente votos, até porque acredita que o eleitorado não está obedecendo as lideranças políticas, mas imprimem credibilidade. Fernando Henrique Cardoso e José Serra, por exemplo, têm menos votos do que respeitabilidade entre os setores que hoje rejeitam Collor — como os intelectuais — para oferecer. “Nós temos a oferecer a eles um candidato bom de voto e um programa social-democrata”, argumenta Cláudio Humberto.

Fernando Collor, quando foi à Europa, conversou muito com o ex-primeiro ministro espanhol Adolfo Suárez — o primeiro depois do fim da ditadura Franco — sobre o pacto de Moncloa. Só não quer usar agora a palavra “pacto” por causa do descrédito em que caiu esse tipo de iniciativa durante o governo Sarney, que tentou vários pactos e nada conseguiu. “Para que Moncloa desse certo, foram necessárias duas coisas: credibilidade do governo e objetividade de propostas”, afirma Cláudio, que acompanhou o encontro com Suárez.

Eles ficaram especialmente impressionados quando o ex-primeiro ministro contou como conseguiu a adesão do Partido Comunista Espanhol ao pacto. “Ele redigiu os pontos principais em casa, pegou um carro, botou uma peruca de mulher para disfarçar e foi encontrar Santiago Carrillo, líder do PCE que estava exilado, na fronteira com a França. No segundo encontro, em Madrid, acertaram o acordo”, conta Cláudio.